



ISSN: 2230-9926

Available online at <http://www.journalijdr.com>

IJDR

International Journal of Development Research

Vol. 11, Issue, 03, pp.45573-45577, March, 2021

<https://doi.org/10.37118/ijdr.21356.03.2021>



RESEARCH ARTICLE

OPEN ACCESS

A TELEMEDICINA COMO FERRAMENTA DE AUXÍLIO À SAÚDE

^{1,*}MACHADO, Matheus Felipe de Souza and ²MAGNAGNAGO, Odirlei Antonio

¹Acadêmico da Fundação Assis Gurgacz, graduando no curso de Medicina
²Professor da Fundação Assis Gurgacz, Doutor em Administração pela PUC-RS

ARTICLE INFO

Article History:

Received 19th January, 2021
Received in revised form
28th January, 2021
Accepted 04th February, 2021
Published online 30th March, 2021

Key Words:

Telemedicina,
Tecnologia,
Telecomunicações,
Saúde.

*Corresponding author: MACHADO,
Matheus Felipe de Souza

ABSTRACT

Telemedicina é o uso da tecnologia da informação e telecomunicações para a atenção médica. Ela atua tanto sobre os pacientes através de procedimentos a distância quanto sobre os próprios profissionais da saúde através de práticas de ensino. Devido a constante evolução da tecnologia, há um mercado crescente para que a telemedicina seja inserida, porém, apesar de ser claramente mais prática e tecnológica, também é imprescindível que ela seja benéfica à saúde como um todo, e ela só será, se os profissionais que a irão utilizar concordarem com a sua implantação. O objetivo é buscar a opinião dos profissionais médicos sobre a telemedicina, para entender como está a sua real aplicabilidade na prática diária, apesar de já ser a alguns anos um tópico em alta dentro da área da saúde. Esse trabalho trata-se de uma pesquisa exploratória de caráter qualitativo, com coleta de dados de médicos, através de entrevistas semiestruturadas com 9 entrevistados com duração média de 10 minutos cada, formuladas pelos pesquisadores contendo 8 questões a respeito de suas opiniões profissionais sobre telemedicina, seus benefícios, malefícios, qual a melhor forma de utilizá-la, que foram gravadas e posteriormente transcritas. Como resultado, nota-se que a telemedicina apesar de já ser algo que na teoria faz parte da saúde como um todo, mesmo com a força que a pandemia do novo coronavírus trouxe para o tema. Na prática os profissionais médicos pouco possuem experiência e conhecimento sobre o assunto, mostrando uma lacuna que poderia ser preenchida para ter-se uma saúde melhor.

Copyright © 2021, MACHADO, Matheus Felipe de Souza and MAGNAGNAGO, Odirlei Antonio. This is an open access article distributed under the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.

Citation: MACHADO, Matheus Felipe de Souza and MAGNAGNAGO, Odirlei Antonio. "A Telemedicina como ferramenta de auxílio à saúde", *International Journal of Development Research*, 11, (03), 45573-45577.

INTRODUCTION

A telemedicina já é um conceito consolidado, sua eficácia e praticidade já é comprovada por diversos estudos. Apesar disso, até o ano de 2019, ela ainda não possuía grande aplicabilidade na sociedade e estava longe de utilizar todo o potencial que lhe aguardava. Parte, devido a hesitação que ainda é notada por parte dos profissionais médicos quanto a confiabilidade e aplicabilidade da tecnologia da comunicação na prática diária. A pandemia do novo coronavírus foi uma "divisora de águas" quanto ao uso da tecnologia da informação na medicina. Desse modo, dia 15 de abril de 2020, foi criada a Lei 13.989, que permite o uso da telemedicina durante a pandemia (SABBATINI, 2012; CAMPOS *et al*, 2020). A telemedicina tem o potencial para revolucionar a área médica, devido a sua disponibilização de informação de maneira rápida, prática e atualizada (SOIREFMANN *et al*, 2008).

Porém, de nada adianta sua indicação por diversos estudos se os profissionais que a utilizarão no cotidiano tiverem receio à sua implantação ou não reconhecerem a sua eficácia em sua utilização prática. Este artigo, dedica-se ao estudo da tecnologia da informação na área médica, focando na teleconsulta, que é um desmembramento da teleassistência. As questões de pesquisa que norteiam este estudo são: Qual a opinião sobre a teleassistência dos profissionais que irão utilizá-la no cotidiano? A teleconsulta é somente algo prático ou pode também ser benéfico a saúde da população como um todo? O objetivo desse estudo é pesquisar a opinião dos profissionais médicos a respeito da teleassistência, principalmente sobre teleconsulta, buscando entender sua real aplicabilidade, de modo a buscar as melhores formas para a utilização da tecnologia da comunicação na área da saúde.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: O termo telemedicina refere-se ao uso dos meios de comunicações através da tecnologia de informação aplicada à área médica, com intuito

de reduzir barreiras físicas, sociais e econômicas que impedem o acesso à saúde pelos que necessitam. Por mais que a inserção da tecnologia utilizando de ferramentas como a internet pareça ser algo recente, desde a década de 1950 iniciou-se o processo da evolução da telemedicina, quando um artigo foi publicado descrevendo a transmissão de imagens radiológicas por telefone. Não sendo algo tão tecnológico e preciso quanto os processos atuais, mas sendo certamente um marco para época (SOIREFMANN *et al*, 2008). Na década de 1970, nos Estados Unidos da América, havia necessidade de prestação de serviços em áreas rurais, surgiu-se então a ideia que seria mais fácil o médico atender seu paciente em seu local original, sem que houvesse necessidade de se deslocar para isso. Com esse objetivo, o Hospital Geral de Boston, Massachusetts, iniciou pesquisas relacionadas a uma nova área, que passou a ser então conhecida como telemedicina (URTIGA *et al*, 2004). Já no Brasil os fatos ocorreram um pouco mais tarde. O ano provável de surgimento da telemedicina é 1994, quando duas empresas iniciaram suas operações. uma especializada em realizar eletrocardiogramas à distância e outra que fornecia conselho aos profissionais da saúde por telefone. Durante o resto da década surgiram vários outros centros que desenvolviam alguma relação de trabalho relacionada à telecomunicação na área médica (EL KHOURI, 2003). Porém, a telemedicina passou realmente a ganhar espaço no Brasil na última década, devido a investimentos que ocorreram para formar núcleos de pesquisa em universidades do país (CHAO, 2008).

Nota-se também, que a inserção da tecnologia da comunicação na área da saúde seria algo imprescindível para que houvesse desenvolvimento da saúde no Brasil. O território brasileiro possui diversas características que prejudicam a saúde, como a grande extensão territorial, dificuldade de acesso às áreas remotas, falta de profissionais com especialização e ainda a concentração desses em grandes centros. Assim, o Brasil é evidentemente um país onde a telemedicina teria suas aplicações ideais (SABBATINI, 2012). Porém, a inserção da telecomunicação encontra muitos obstáculos no nosso país. Um dos principais é a falta de cultura específica por parte dos médicos, que relutam em aceitar seus benefícios. Também há a dificuldade de boa conexão, pois as regiões que mais seriam beneficiadas com o acesso a saúde à distância, também são as regiões onde a internet com conexão de alta velocidade ainda não é realidade, e devido ao alto custo dos equipamentos de conferência e do estabelecimento de boa rede, o processo tende a ser mais dificultoso (SABBATINI, 2012). A prática da telemedicina já ocorre há vários anos no país, porém, só recentemente, devido ao covid-19, que foi feita uma autorização de forma excepcional para a sua atividade. Essa situação deve-se há uma contradição jurídica que havia no Brasil, isso, é um dos motivos que gera essa incerteza sobre a telemedicina, tanto para os médicos quanto para a mídia (GARCIA; GARCIA, 2020). Durante a epidemia do novo coronavírus, a telemedicina tem se mostrado uma ferramenta extremamente eficiente. Diversas regiões gravemente afetadas pelo vírus criaram estratégias com o uso dessa tecnologia para evitar a disseminação da doença, e com isso, obtiveram resultados muito positivos. Como a província de Shandong, na China, que se utilizou da tele-educação para orientar os profissionais de saúde de forma prática e segura e das interconsultas para ouvir a opinião de diversos especialistas (GARCIA; GARCIA, 2020). Quando se fala em telemedicina, comumente a ideia que surge para as pessoas é a de consultas virtuais, por ser algo mais prático e próximo do cidadão

comum. Entretanto, a telemedicina possui várias aplicações que beneficiam o desenvolvimento da saúde como um todo. Ela pode ser dividida em dois grandes setores, a teleassistência e tele-educação. Dentro deles há várias ramificações específicas de suas aplicações (SOIREFMANN *et al*, 2008). A teleassistência abrange serviços de que facilitam a comunicação médico-paciente ou médico-médico, um exemplo simples é a realização de consultas por vídeo em tempo real, há também o armazenamento de envio de imagens na busca de profissional especializado ou simplesmente para ouvir uma segunda opinião (SOIREFMANN *et al*, 2008). Já a teleeducação possibilita integrar em tempo real um grande número de pessoas, situadas grandes distâncias umas das outras possibilitando o ensino, reduzindo custos e provendo educação mais especializada. Ainda pode haver uma grande redução de gastos com saúde utilizando da webconferência para a atualização dos profissionais da área e também para informar atividades de prevenção de doenças (COSTA *et al*, 2014). Já Chao (2008), divide as atividades da telemedicina em 3 grandes grupos: Teleeducação interativa e rede de aprendizagem colaborativa que designa o uso de tecnologias para implementar as possibilidades de produção de conhecimento, aumentando a facilidade do acesso ao conteúdo. Teleassistência/regulação e vigilância epidemiológica que desenvolve atividades assistenciais a distância e auxiliam a gestão de processos em saúde e por último pesquisa multicêntrica/colaboração de centros de excelência e da rede de “Teleciência”, que integra diversos centros de pesquisa, otimizando tempo e reduzindo custos.

Garcia e Garcia (2020, p.2) concluem que:

A evidente conclusão é que a telemedicina precisa ser propriamente regulamentada para abranger o período após o enfrentamento da COVID-19. Para tanto, devem ser convocadas todas as partes interessadas na sua adoção para que seja construído conjuntamente um arcabouço jurídico adequado para as atividades de telemedicina. Dados os resultados tão favoráveis no Brasil e no mundo, obtidos em pouquíssimo tempo de telemedicina, é natural se esperar que não ocorram retrocessos, tais como a vedação ao exercício da telemedicina em território brasileiro. A telemedicina se tornou um componente crítico durante a pandemia e potencializou a abrangência dos serviços de saúde, multiplicando a capacidade do sistema para enfrentar a COVID-19. Acreditamos que a telemedicina seja uma peça fundamental para se obter uma vitória definitiva contra a pandemia e não deve ser considerada apenas uma opção ou complemento para reagir a uma crise. Dessa forma, a difusão da telemedicina é um caminho sem volta, e sua regulamentação será lembrada futuramente como um marco histórico no Sistema Único de Saúde.

Muitos autores e órgãos descreveram, ao longo dos anos, sua própria definição de telemedicina. No quadro a seguir podemos observar as pequenas mudanças que ocorreram ao longo dos anos, porém sem nunca perder sua essência, que é unir a tecnologia à medicina.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: Trata-se de uma pesquisa exploratória de caráter qualitativo, com coleta de dados de médicos, através de entrevistas semiestruturadas, com duração média de 10 minutos cada, formuladas pelos pesquisadores contendo 8 questões “Apêndice A”, que foram gravadas e posteriormente transcritas.

A pesquisa teve a participação de 9 médicos e ocorreu durante o mês de setembro de 2020 e análise das respostas ocorreu durante o mês de outubro de 2020, em que os pesquisadores compararam cada resposta individualmente. A pesquisa não apresentou distinção de área de atuação, de gêneros e faixa etária. Os médicos foram abordados por via videoconferência, não havendo local fixo para a realização das entrevistas, contudo, teve como local base o Hospital São Lucas. Posteriormente, os dados obtidos foram transcritos no word, onde foram analisados qualitativamente. As características de cada entrevistado constam no Quadro 2. Em que a letra “E” Significa entrevistado.

RESULTADOS

A primeira pergunta do questionário tratava-se sobre o que o profissional médico entende como telemedicina (URTIGA et al, 2004). Essa pergunta foi formulada com o intuito de sabermos se os profissionais da saúde possuem noção básica sobre o tema. Obtivemos respostas como: “Qualquer exercício da medicina que ocorra não estando na presença física do paciente, sejam consultas médicas ou avaliação de exames complementares” de acordo com o E7; “Telemedicina é tudo que envolve a parte médica com a tecnológica”, segundo o E1.

A quarta pergunta buscava entender quais os benefícios da telemedicina para à saúde (COSTA et al, 2014) e a quinta os malefícios (URTIGA et al, 2004). Como respostas positivas obtivemos a facilidade do acesso à saúde, tanto para consultas de clínica geral como para o acesso à especialidades que só existem em grandes centros.

Vários médicos citaram também o atual cenário de pandemia que a sociedade vive, obtivemos respostas como: “Nesse momento de pandemia surgiram alguns benefícios, porque favorece os pacientes a ficarem em isolamento e não disseminarem o covid-19” respondeu o E2 e de acordo com o E4: “Facilidade do acesso entre médico e paciente, principalmente agora em relação a pandemia, os pacientes idosos que evitam virem ao posto e a facilidade para acessar especialistas”. Quanto aos malefícios muito foi falado sobre o fato de não haver o contato físico com o paciente, perde-se muito da relação médico-paciente e da qualidade das teleconsultas pela falta do exame físico adequado. Um dos entrevistados também levantou a questão do sigilo médico e do acesso à informação dos pacientes, dizendo que quanto mais informações tiverem na nuvem, mais difícil é de controlar quem a acessa (E8). As últimas perguntas tinham como meta unir a telemedicina à realidade brasileira, a 6ª questão era:

Quadro 1. Definições de Telemedicina:

CFM (2002)	Exercício da medicina através da utilização de metodologias interativas de comunicação audiovisual e de dados, com o objetivo de assistência, educação e pesquisa em saúde.
Urtiga, Louzada e Costa (2004)	A transmissão de dados médicos de um local para o outro com objetivo de estender serviços de saúde de centros especializados para regiões que não possuem assistência médica satisfatória.
OMS (2010)	É prestação de serviços de saúde, onde a distância é um fator crítico, por todos os profissionais de saúde que usam tecnologias de informação e de comunicação para a troca de informações válidas para diagnóstico, tratamento e prevenção de doenças e lesões, pesquisa e avaliação e para a continuidade da educação dos prestadores de cuidados de saúde, tudo no interesse do avanço da saúde dos indivíduos e das suas comunidades.
CFM (2018)	Exercício da medicina mediado por tecnologias para fins de assistência, educação, pesquisa, prevenção de doenças e lesões e promoção de saúde.
OMS (2019)	Uso das tecnologias de informação e comunicação na saúde, viabilizando a oferta de serviços ligados aos cuidados com a saúde, especialmente nos casos onde a distância é um fator crítico.
Lei 13.989 (2020)	Exercício da medicina mediado por tecnologias para fins de assistência, pesquisa, prevenção de doenças e lesões e promoção de saúde.

Fonte: (SANTOS et al, 2020).

Quadro 2. Lista dos Entrevistados

	E1	E2	E3	E4	E5	E6	E7	E8	E9
Idade	29	27	27	31	28	41	25	28	29
Gênero	F	F	F	F	M	M	M	F	F

Dos 9 entrevistados, 8 uniram em suas respostas o exercício da medicina à distância com o auxílio da tecnologia, apenas 1 entrevistado não se referiu ao uso da tecnologia. Já a segunda questão indagava quais aplicações da telemedicina os doutores conheciam (SOIREFMANN et al, 2008). Como principais respostas obtivemos a teleconsulta e a interconsulta, ambas citadas 5 vezes. A próxima questão buscava observar se os profissionais já haviam tido contato com a telemedicina, dos 9 entrevistados, 3 referiram nunca terem utilizado nenhuma forma de telemedicina (E2, E6, E9), os outros 6 citaram diversas formas de acesso às especialidades que faltavam em seu local de trabalho. Nota-se que apesar de a teleconsulta ter sido muito citada na questão anterior, nenhum dos 9 entrevistados já teve experiência com ela. Outro aspecto relevante é como a teleeducação não foi lembrada por nenhum dos médicos, mostrando que apesar de ser algo comum entre os estudantes de medicina e a comunidade médica como um todo, não é facilmente relacionada à telemedicina.

“Em um país como o Brasil, em que faltam médicos para a população, dificultando o acesso rápido e prático à saúde, qual o papel o doutor(a) acredita que a teleassistência pode ter? (EL KHOURI, 2003)”. Em relação a essa questão, obtivemos respostas bem diversas, tanto positivas como negativas a respeito do tema, como na opinião do E1: “Acredito que pelo fato de o Brasil ser um país com grande território, a telemedicina auxilia levando assistência àquela população que não tem, principalmente em algumas regiões do norte e do nordeste em que há poucos médicos, e para quem não tem nada, a telemedicina já é alguma coisa”; E, de acordo com o E8:

Eu acho que tem um papel essencial, porque aqui no sul do país nós vivemos uma realidade bastante privilegiada, mas se a gente for pensar no Amazonas, nordeste, que tem bem menos médicos e populações em áreas remotas, ribeirinhas, indígenas. Eu acho que isso talvez seja uma maneira de suprir

Já o E5 não se mostrou tão a favor:

Eu acredito que a teleassistência é algo que me deixa um pouco em dúvida, quanto a como isso pode funcionar. A medicina é feita com o contato, tem que ter o contato para acolher o paciente, que é essencial para nós podermos fazer a boa iátrica da medicina. Então eu acho que talvez a teleassistência ajude com o problema da falta de médicos, mas, pouco muito com o essencial.

Nota-se, como nas questões anteriores, os médicos ressaltam a facilidade de acesso à saúde que a telemedicina gera, porém, havendo a ressalva da perda de contato físico com os pacientes. A pergunta seguinte questionava diretamente o que os profissionais pensavam sobre a qualidade e eficácia das teleconsultas. Como resultado, obtivemos que, dos 9 entrevistados, apenas o E1 e E9 deram repostas positivas quanto a eficácia e qualidade da telemedicina, ressaltando que isso só ocorreria com profissionais bem treinados e comprometidos a esse tipo de prática. E2, E4 e E5 responderam que as teleconsultas podem ser eficazes em questão de números, porém são insuficientes quanto a qualidade. E3, E7 e E8 responderam que outros serviços como as interconsultas são eficazes e possuem boa qualidade, porém a teleconsulta não e por fim o E6 afirmou não poder opinar, por nunca ter feito contato com esse tipo de prática. Essa questão deixa bem claro como os médicos não aceitam bem a prática das teleconsultas e têm grande ressalva quanto à sua qualidade.

Já a última questão buscava instigar a criatividade dos entrevistados, pedindo que eles sugerissem formas de prover saúde de qualidade em um país com a dimensão territorial que o Brasil possui, para a população que vive distante dos grandes centros, sem a utilização da teleconsulta (EL KHOURI, 2003). Obtivemos respostas bem diversas como: “criação de mutirões de saúde”; “adotar o acesso avançado na atenção básica, seria uma forma de prover saúde, sem a utilização da telemedicina” de acordo com E3 e E4 respectivamente. Porém, o que mais foi citado pelos entrevistados, foi a respeito da qualidade de vida que os profissionais que vão atender nessas áreas remotas passam a ter: A resposta do E5 foi: “Pagar melhores salários e dar melhores condições de trabalho. Em alguns lugares além de sermos mal remunerados, teremos que tomar condutas que não teremos as ferramentas necessárias, então além da frustração, nós temos medo do aspecto legal disso” e “Melhorando os salários dos médicos que vão para essas regiões distantes”, segundo o E1. Quanto às características da população do estudo, não houve predileção por sexo e faixa etária, porém, como um todo, os entrevistados eram médicos jovens, os quais naturalmente são menos conservadores e mais a favor dos instrumentos tecnológicos da sociedade, por terem sido criados inseridos na cultura da informação. Apesar disso, através das respostas constata-se que grande parte dos profissionais entrevistados não são favoráveis a telemedicina, muitos deles, apesar de possuir certo conhecimento a respeito, apresentaram-se relutantes a respeito do tema, mencionando a falta do toque humano que a forma tradicional de atender os pacientes apresenta.

Este estudo traz à tona, que com a recente liberação do uso da telemedicina na pandemia pela Lei 13.989, um vácuo que se apresenta na realidade brasileira da saúde brasileira tentou ser preenchido pelo uso da tecnologia como forma de encurtar distâncias e prover o distanciamento social. Porém, os médicos

como um todo não estão preparados para utilizar desse método da melhor forma, o que é necessário para que a telemedicina seja eficiente e benéfica, e não apenas um meio de estancar os problemas da saúde pública brasileira. Além do cenário atual da pandemia, também é necessário debater sobre o que será do tema em breve, a tendência é que a telemedicina seja aperfeiçoada, porém, dificilmente haverá uma regressão. Desse modo, mostra-se o quão importante é a preparação dos profissionais da saúde que a irão utilizá-la, sendo assim necessário a criação de formas para a qualificação tanto dos médicos do futuro, como da geração atual, através de cursos e inserção do assunto nas matrizes de ensino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os achados práticos demonstram que apesar de a telemedicina ser um dos assuntos mais relevantes da medicina na atualidade, boa parte dos profissionais da área possuem uma espécie de preconceito contra ela. As entrevistas apontaram que apesar de a maioria dos médicos entrevistados saberem do que se tratava e já terem tido experiência prática com a telemedicina, eles possuíam uma noção muito limitada sobre a abrangência de suas aplicações, fazendo com que o assunto fosse visto apenas como tele consultas e interconsultas, não tendo sido citado nenhuma vez a teleeducação e tele monitorização, tal fato mostra a falta de conhecimento sobre o assunto pelos profissionais da área médica. Os entrevistados apresentaram respostas bem formuladas sobre os benefícios e malefícios da telemedicina, apesar de novamente só terem considerados as consultas. As respostas foram bem divididas, mostrando que eles conheciam os dois lados do tema. Apesar de como um todo os entrevistados não terem sido a favor da telemedicina, muitos mostraram ressaltaram diversos pontos positivos de sua prática. As perguntas que buscavam unir o tema à realidade brasileira, tinha como objetivo os médicos saírem de um cenário utópico e considerarem a realidade da nossa sociedade. A melhora dos salários e do investimento em estrutura em áreas remotas que foi sugerido por grande parte dos entrevistados, com toda certeza traria diversos benefícios para a melhora da saúde no país. Porém, olhando a situação atual da economia brasileira, sabe-se que isso não irá acontecer, pelo menos não de forma substancial. Como principais limitações da pesquisa, além daquelas inerentes às características do método escolhido é o fato de a população em estudo ter sido de uma faixa etária consideravelmente limitada, fato que poderia tornar as respostas mais favoráveis à telemedicina, porém, notou-se que apesar disso, os entrevistados foram um tanto quanto relutantes quanto a sua utilização. Como proposta de pesquisa futura, seria interessante um estudo com o mesmo viés, porém focando em uma população de profissionais médicos com mais anos de experiência na área, e com outros profissionais da saúde que podem fazer parte do uso da tecnologia da informação, como fisioterapeutas, nutricionistas, enfermeiros, entre outros.

REFERÊNCIAS

Campos, B. H; Alfieri, D. F; Bueno, E. B. T; Kerbauy, G; Dellaroza, M. S. G; Ferreira, N. M. A. – “Telessaúde e telemedicina: Uma ação de extensão durante a pandemia” Revista Aproximação. Volume 02. N. 4. Julho-Agosto-Setembro 2020. Guarapuava, PR – Brasil. Disponível em: <https://revistas.unicentro.br/index.php/aproximacao/article/view/6578/4499> Acesso em: 04 de jan. 2021.

- Chao, L. W. Telemática e Telessaúde – Um panorama no Brasil. *Informática Pública*, ano 10 (2): 07-15, 2008. Disponível em: <www.ip.pbh.gov.br/AN_O10_N2_PDF/telematica_teleasaude.pdf> Acesso em: 13 nov. 2019.
- Costa, C. A., Petruciu, W. S., Rodrigues, P. M. A., LAGES, R. O., WEN, C. L. 2019. “Efetividade das práticas de Teleducação por Webconferência no combate à dengue no Estado do Amazonas, Brasil.” *J. Health Inform.* 2014 Janeiro-Março. Disponível em: <http://www.jhi-sbis.saude.ws/ojs-jhi/index.php/jhi-bis/article/view/272> Acesso em: 14 nov..
- El Khouri, S. G. 2003. Telemática: análise da sua evolução no Brasil. Dissertação (Mestrado em ciências) - Faculdade de Medicina de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <www.teses.usp.br/teses/disponiveis/5/5160/tde.../sumaiagekhouri.pdf> Acesso em: 12 nov. 2019.
- Garcia, M. V. F; Garcia, M. A. F. 2020. “Telemática, segurança jurídica e COVID-19: Onde estamos?” *Jornal Brasileiro de Pneumologia*. São Paulo, 2020, agosto. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1806-3713202000400103&script=sci_arttext&tlng=pt Acesso em: 15 de nov.
- Sabbatini, R. M. E. 2012. “A Telemática no Brasil: Evolução e Perspectivas”. *Informática em Saúde, São Bernardo do Campo*. Disponível em: https://www.sabbatini.com/renato/papers/Telematica_Brasil_Evolucao_Perspectivas.pdf Acesso em 14 nov. 2019.
- Santos, E. M., De Sousa Júnior, J. H., Soares, J. C., Raasch, M. 2020. “Reflexões acerca do uso da telemática no Brasil: Oportunidade ou ameaça?” *Revista em Gestão de Sistemas de Saúde*. São Paulo, Setembro-Dezembro. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/revistargss/article/view/17514/8506> Acesso em: 15 nov. 2020.
- Soirefmann, M., Blom, M. B., Leopoldo, L., Cestari, T. F. 2019. Telemática: uma revisão da literatura. *Revista do Hospital de Clínicas de Porto Alegre*, v. 28, n. 2, p. 116-119. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/hcpa/article/download/2973/3212>> Acesso em: 12 nov.
- Urtiga, K. S., Louzada, L. A., Costa, C. L. 2004. Telemática: uma visão geral do estado da arte. Universidade Federal de São Paulo Disponível em: <<http://telematica.unifesp.br/pub/SBIS/CBIS2004/trabalhos/arquivos/652.pdf>> Acesso em: 12 nov. 2019.
